

Episódios de machismo cotidiano na educação museal: marcadores de gênero e sexualidade na relação entre museus e mulheres

Karlla Kamylla Passos*

Recebido em: 17/09/2022

Aprovado em: 05/12/2022

Resumo

O presente texto tem como objetivo refletir sobre os episódios de machismo cotidiano vivenciados por educadoras/es museais em seu dia a dia profissional, a partir de nove entrevistas semiestruturadas e trabalhadas com a metodologia da análise de conteúdo. Os relatos apresentados pelas educadoras evidenciam que estamos longe de uma equidade na vivência profissional nos museus e espaços afins. Temos uma maioria de mulheres, mas as instituições museais são espaços que operam violências diárias contra nós. Muitas de nós possuem poucas informações sobre os feminismos e reflexões aliadas que podem nos ajudar no empoderamento, e é por isso que esse artigo foi elaborado. Quanto mais falarmos sobre esses episódios, mais vamos nos unir.

Palavras-chave

Machismo; Educação museal; Museus; Mulheres.

Abstract

The present text aims to reflect on the episodes of daily machismo experienced by museum educators in their professional daily lives, based on nine semi-structured interviews and worked with the methodology of content analysis. The reports presented by the educators show that we are far from equality in the professional experience in museums and similar spaces. We have most women, but museum institutions are spaces that operate daily violence against us. Many of us have little information about feminisms and allied reflections that can help us in our empowerment, and that is why this article was elaborated. The more we talk about these episodes, the more we will unite.

Keywords

Machismo; Museum education; Museums; Women.

* Doutoranda em Museologia/ULHT; mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde/Fiocruz; graduada em Museologia/UFG. Professora substituta no curso de Museologia/UFG. Compõe a gestão da REM-Goiás (2021/2022), na articulação entre a graduação em Museologia e a Rede. Principal publicação: MORAES-WICHES, C. A. de; PASSOS DOS SANTOS, K. K.; SÁ, A. de; BELTRÃO DE OLIVEIRA, T. “Para além dos objetos: experiências, narrativas e materialidades em processos de musealização da arqueologia e do patrimônio cultural indígena”. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], vol. 33, nº 3, 2020, p. 104–123. DOI: 10.24885/sab.v33i3.854.

Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/854>. Acesso em: 17 Set. 2022. E-mail kamylla.passos@hotmail.com.

Introdução

Este artigo objetiva refletir sobre os episódios de machismo cotidiano vivenciados pelas educadoras museais em seu dia a dia profissional e pessoal, pois eles repercutem em suas práticas. Foram realizadas doze entrevistas, para a pesquisa de doutorado em curso, “Educação museal e feminismos no Brasil: silenciamentos, estranhamentos e diálogos a partir de um olhar interseccional e decolonial”. Aqui utilizaremos dez destas entrevistas, que versam mais sobre os episódios de machismo cotidiano e demais preconceitos de gênero, já que o recorte do presente texto são as abordagens relacionadas aos preconceitos de gênero e sexualidade, especialmente o machismo. A lista de pessoas entrevistadas surgiu das respondentes a um questionário aplicado para a mesma pesquisa.

Parafraseamos Grada Kilomba,¹ que tratou dos episódios de racismo cotidiano, não no sentido de referenciar uma frase, mas como uma inspiração para nomear o que as educadoras relataram. Kilomba é referência pela organização que fez das entrevistas, sobretudo em seu livro *Memórias da plantação*, um interessante percurso que inspira como trabalhar com a metodologia de entrevistas. Não necessariamente uma referência para refletir sobre episódios de machismo cotidiano, mas na medida em que ela traz os de racismo cotidiano, muitas vezes interseccionados com outros marcadores, como o de gênero; e na medida em que as educadoras relataram *muitos* episódios de machismo cotidiano nas entrevistas, fiz essa relação com o livro de Grada Kilomba. Afinal, ainda que eu reconheça o machismo estrutural da nossa sociedade, os variados episódios me surpreenderam. Trata-se de um dos pontos mais importantes da tese, que se relaciona com o lugar de vulnerabilidade das educadoras, em sua maioria mulheres. Dada sua importância, construí esse recorte para este artigo.

É importante para o presente texto que eu apresente meu lugar de fala, especialmente por acreditar que nossas reflexões são sempre localizadas.² Sou museóloga-educadora, goiana. Estou na prática da educação museal desde o final de 2013, iniciada durante a minha graduação em Museologia. Exatamente por essa vivência, sobretudo por causa da minha migração para o Rio de Janeiro, é que essa pesquisa existe. No processo de mudança de Estado, já devido à ausência de diversidade de pós-graduação e trabalho na minha cidade (na área da Museologia e com remuneração praticável), pude presenciar uma discussão que marca a colonialidade interna³ presente no Brasil. Por essa relação direta com o campo, e por clamar pela

união dele, escrevo em primeira pessoa, mas, por vezes, chamo por nós todas através da terceira pessoa.

Caminhos metodológicos

Diante de uma urgência e demanda do campo, entre 13 de janeiro e 08 de maio de 2022, aplicamos um questionário nacional, de caráter quali-quantitativo, cujo objetivo foi realizar um diagnóstico de quem são as educadoras museais, especialmente no que diz respeito aos marcadores que interferem em suas vivências pessoais e profissionais. Conseguimos 444 respostas válidas. A maioria das pessoas, 69% (307), se colocou à disposição para uma entrevista mais detalhada, que será explorada adiante, dentro do recorte do presente artigo. Todas as pessoas entrevistadas são profissionais que se reconhecem como educadoras/es.

Estruturamos as perguntas, de todas aquelas possíveis, para conversar com essas/es educadoras/es, e muitas questões surgiram. Após uma adaptação do roteiro, começamos a caminhada. Iniciamos por formar um texto convite enviado por e-mail com informações básicas,⁴ além de lembrar que se tratava da mesma pesquisa do questionário, e informando o período sugerido, que foi de abril a maio de 2022. A ordem das entrevistas dependeu da agenda de cada profissional.⁵ Esse detalhamento do processo pode parecer por vezes um relatório técnico, mas é bem importante para a metodologia, especialmente para ajudar outras pessoas que venham a fazer pesquisas com metodologias parecidas.

Como seriam realizadas as entrevistas foi um ponto; se seriam feitas por mim, se teria ajuda de outra pessoa para o registro, uma vez que isso poderia gerar algum constrangimento. Optei, então, por realizar sozinha, de forma *on line*. Isso possibilitou que profissionais de todas as regiões do país pudessem dar seus depoimentos, sem deslocamento de nenhuma das partes, até porque a pesquisa não tem financiamento. Todas essas questões geraram uma escuta afetiva, que não foi neutra nem tampouco distante, por serem totalmente contrárias ao mito da objetividade, como nomeou Grada Kilomba,⁶ além de Donna Haraway.⁷

Algumas reflexões de Aida Rechená também foram fonte de inspiração para o roteiro, tais como: “Os atuais processos de comunicação em museus são inclusivos das mulheres?”⁸ Embora essa pergunta não tenha sido feita diretamente, o roteiro foi nesse sentido, e a fala das educadoras também, abordando algumas questões sobre ser mulher

dentro dos museus e da área da educação. Além de outra questão que também pairou sobre o processo,

(...) podemos questionar qual a imagem que tanto as mulheres como os homens fazem ou constroem desse espaço/museu, quais as vivências de homens e mulheres no espaço/ museu e qual a relação deste com o entorno e com as outras instituições de poder (...). E sendo aparentemente as mulheres a maioria da força de trabalho nos museus atuais, a perspectiva de gênero conduz-nos a questionar como interrogam e se relacionam as mulheres com as coleções que representam o universo masculino ou foram constituídas por homens.⁹

O roteiro foi organizado em blocos. Iniciávamos agradecendo e confirmando o aceite da educadora após o início da gravação, além de ressaltarmos que a entrevista estava sendo gravada e que, a qualquer momento, a pessoa encontrava-se à vontade para não responder a alguma pergunta ou mesmo interromper a entrevista. Tivemos um primeiro bloco voltado para um aquecimento, no qual a pessoa contava um pouco de sua história pessoal e de seu percurso até chegar na área da educação. Na sequência, vinha o bloco “Formação: como foi/está sendo o seu processo de formação na área de Museologia”, com perguntas sobre a formação na graduação, pós-graduação (quando tinha) e na educação museal. Depois, no bloco “Questões de parentalidade e classe: início”, perguntamos sobre relacionamento, filhos/as (quando havia a sinalização de que era mãe/pai) e a formação de familiares de gerações anteriores. No bloco “Sobre sua atuação profissional: inserções profissionais na área”, a pessoa contava sobre suas experiências com a educação e da busca de emprego no campo. Voltando a “Outros elementos de classe”, falávamos sobre casa própria e fazíamos comparativos da vida financeira durante a vida. No maior bloco, “Vamos falar mais um pouco sobre marcadores sociais da diferença e exercício profissional”, a pessoa abordava marcadores ligados a emprego, privilégios e exclusão, saúde mental, religiosidade e reconhecimento do trabalho, entre outras coisas. Finalizávamos com o bloco “Sobre museologia e educação”, e perguntávamos: “Como você percebe a relação da museologia com outras áreas dentro da educação nos museus e centros culturais? Museologia e museus têm a ver com educação? Por quê?” Seguia-se, então, um espaço aberto para a pessoa falar de algo que não foi contemplado na entrevista. Finalizava a entrevista agradecendo a participação e todas/os entrevistadas/os receberam um termo de consentimento que deveria ser preenchido e assinado para que a entrevista acontecesse. Algumas pessoas não preencheram até o dia da entrevista, mas enviaram logo em seguida, justificando a demora devido à grande quantidade de trabalho.

O processo de organização das transcrições¹⁰ foi realizado entre os dias 23 de maio e 4 de julho de 2022, antes de acabarem todas as entrevistas. A partir da primeira entrevista, ficou claro que o que foi dito precisava ser documentado de forma completa. Não tinha como terceirizar esse processo; tão logo registrava, já iniciava a análise, pintando as partes que considerava relevante de serem discutidas e fazia comentários, na metodologia da análise de conteúdo.¹¹ No final do processo foram geradas mais de 130 páginas de 12 entrevistas.

As pessoas foram selecionadas a partir de marcadores sociais da diferença, sendo que algumas pelo que escreveram ao final do questionário, sugerindo mais aprofundamento em determinadas questões (quadro 1). Os codinomes escolhidos são o primeiro nome de autoras e autores referências para a pesquisa e/ou citados na pesquisa. Levantei mais de 30 nomes, mas ao todo foram 12 entrevistadas devido a que algumas pessoas marcadas não compareceram, não responderam ou informaram não poder participar. Ao longo das entrevistas e organização das informações geradas, vimos que o volume de entrevistas foi mais do que o suficiente, pois alcançamos uma diversidade grande de perfis, bem como todas as regiões do país. A maioria das entrevistas é constituída de mulheres, mas foram entrevistados alguns homens também. Como é uma investigação na perspectiva de gênero, trabalhamos mais com mulheres, por ser representativo na configuração do campo, mas também com homens e pessoas que se reconhecem em uma fluidez de gênero. Para a leitura não ficar tão cansativa, optei por usar “pessoas”, “educadoras/es” e “profissionais” para me referir ao grupo que é sujeito/a/e do estudo.

Quadro 1 - Codinomes das educadoras e outras informações

Codinome na pesquisa	Motivo da escolha	Estado*
1. Grada Kilomba	Museóloga	Rio Grande do Sul
2. bell hooks	Preta, católica, de Alagoas	Pernambuco
3. Lélia Gonzalez	Tocantins	Tocantins
4. Conceição Evaristo	Religião Judaísmo messiânico	Goiás
5. Ailton Krenak	Norte	Acre
6. Stuart Hall	Circulação entre várias regiões do país	Ceará
7. Anibal Quijano	Homem Cisgênero heterossexual	São Paulo
8. Audre Lorde	Relatos de gordofobia	
9. Jota	Mulher Transgênero e preta	

Mombaça		
10. Catherine Walsh	Circulação entre várias regiões do país	Pernambuco

Fonte: sujeitos/as da pesquisa e motivações para as entrevistas, a partir das respostas do questionário.

* Optei por colocar o Estado em que o/a educador/a estava atuando no momento da entrevista.

A categorização das falas foi totalmente inspirada em Grada Kilomba,¹² a partir das reflexões da metodologia de Bardin.¹³ Destacamos os trechos a partir do interesse da pesquisa de doutorado e relacionado com os marcadores sociais da diferença. Alguns pontos foram trazidos pelas/os educadoras/as com maior intensidade, como os episódios de machismo cotidiano detalhados a seguir.

O que tinham a dizer: O marcador de gênero e sexualidade interseccionado nas falas das educadoras

A partir da inspiração em Grada Kilomba¹⁴ com os episódios de racismo cotidiano, mostramos aqui alguns de machismo, como já supramencionado. Além disso, falaremos de outras questões ligadas a gênero e sexualidade que foram relatadas pelas educadoras e relacionadas ao público. Uma das profissionais disse que falar com alguém sobre o seu ofício foi interessante, além de verbalizar o que não é dito no dia a dia, especialmente as questões relacionadas a violências verbais, conforme minha percepção ao entrevistá-las. Nem todos os episódios trazidos aqui ocorreram em museus, mas acredito que impactam diretamente a nossa vivência como educadoras nesses espaços.

A entrevista da educadora Grada foi a segunda e ficou muito marcada por algumas questões, dentre elas o machismo que vivencia desde um trabalho anterior, em outra área, que costuma ter mais homens. Na resposta sobre problemas de emprego devido a marcadores, ela foi relatando algumas dificuldades. Contudo, quando perguntada se ela já era concursada quando engravidou, disse que ouviu do chefe “ai, vou começar a distribuir pílula para essas mulheres”, ao que ela respondeu: “olha, você não precisa me dar pílula, eu mesma uso, parei porque eu quis ser mãe, então me deixa”. Cabe destacar que esse chefe era do seu trabalho anterior, em outra formação, mas que se acumula com os episódios de machismo cotidiano que ela tem vivenciado atualmente, no museu em que trabalha. Quando perguntada se já sofreu ou presenciou preconceito, racismo, sexismo, antes mesmo de eu terminar de falar, ela já respondeu “sexismo todos os dias”. E seguiu:

Bom, essa questão... quando eu era [outra área], eu notava os machismos, mas sempre fui muito firme nisso, não deixava aquilo me abalar, provava as coisas, rebatia pela minha postura, às vezes com as palavras. Mas eu aqui, sendo museóloga, tendo comigo o meu companheiro, que também é museólogo, sinto o machismo muito mais pesado, porque daí as pessoas falam comigo de uma forma e com ele de outra.

Ela fez diversos relatos, deu mais exemplos além desse acima, na medida em que foi ficando mais à vontade com a entrevista. São desafios que as profissionais enfrentam por serem mulheres, educadoras, museólogas e por outros marcadores. Acabei dizendo que se imagina que na outra área – senso comum – ela sofresse mais esse tipo de coisa por ser das Ciências Exatas. Ela, então, seguiu dando seu relato, informando que agora é uma área mais subjetiva, e que os colegas tomam atitudes como: “não falam direito comigo (...). De chegar e a pessoa não te olhar, (...) ‘olha para mim sou eu que estou falando’, a pessoa não olha pra mim; é muito nesse sentido de sempre achar que tem que respeitar o cara”. Ela fala como isso é humilhante. E segue explanando como o tratamento dado a mulheres é diferente do que é dado homens:

Não sei se é real ou se sou eu que estou me sentindo daquela forma. Esse grupo de professores que atuam aqui no curso, tem alguns que tenho uma ótima relação, tem uma professora que sempre fala “nossa eu te admiro”, mas a maioria deles, principalmente os homens, coincidência ou não, eles não me tratam... a gente não consegue ter uma relação boa.

Ela se questiona se é isso mesmo ou se é ela quem está se sentindo daquela forma. Disse em outros momentos da entrevista que a fazem se achar louca, estressada. A violência a faz questionar a forma como ela é.

Lélia também falou da questão do machismo, que homens tendem a cortá-la quando está falando. Além de relatar “sou solteira, sou muito cobrada também. Estava procurando apartamento pequeno, meus colegas falaram ‘mas e se um dia você se casar? Não é melhor?’ Sempre procuro ser discreta, mas de uma forma ou de outra a gente é cobrada para cumprir o que se espera”. O controle sobre o estado civil, a maternidade,¹⁵ a aparência da mulher, tudo é vigiado pela sociedade. E são pequenas violências que vêm de formas sutis, como nesse relato da bell:

Por exemplo, teve agora o Dia da Mulher. Aí, todo mundo mandando mensagem e tal no grupo WhatsApp; vocês mulheres são ótimas mães, ótimas irmãs, ótimas, não sei o quê. Desconsiderando o fator profissional das mulheres, quanto que ali, no ambiente de trabalho, todas as mulheres estão trabalhando. E as meninas responderam de forma bastante reativa a isso. E somos excelentes profissionais. Também trabalhamos todas sem igualdade.

Além disso, trabalhamos todas sem equidade, um fato vivenciado e relatado por todas as educadoras. Audre também fala sobre a misoginia espalhada no país, difícil de romper: “Muitas vezes a gente é obrigada a se calar, obrigada a abaixar o tom um pouco em relação a um funcionário masculino, enfim, e isto é uma realidade no Brasil”. Trata-se de uma educadora que ocupa lugar de gestão de educativo, embora a instituição em que trabalha sempre tenha sido dirigida por homens e ela não foi sequer cogitada para os cargos nas muitas mudanças que aconteceram, todas por indicação. A mesma Audre ainda completa seu relato a respeito dos padrões estéticos sobre as mulheres: “Tem uma cobrança pela aparência muito mais determinante do que os homens, o que é também bastante desafiador para a gente seguir”. A educadora Catherine também falou do machismo:

Achava que tinha que me esforçar triplamente para que a minha fala tivesse o mesmo tipo de credibilidade que um homem. Tenho que falar três vezes a mesma coisa que um homem só fala uma vez. Eu era a gerente que ganhava menos, aí eu acho que tem o marcador da educação.

Essa profissional se refere a um trabalho recente de gestão em um museu do Sudeste. O marcador da educação deve ser considerado sempre, principalmente interseccionado com gênero, visto que muitas vezes temos remuneração menor nos museus, o que é mais detalhado, a partir do questionário aplicado com as/os educadoras/res, para a tese já mencionada e melhor analisada em uma produção que tem previsão de publicação em abril de 2023.

Outra questão relacionada ao machismo e ao sexismo é o relato das educadoras bell, Lélia e Audre sobre gordofobia. A pressão pela estética da mulher é maior do que a dos homens, visto que os educadores não mencionaram nada nesse sentido. Lélia diz que “durante boa parte do tempo em que vivi (...) tenho travado a luta contra a gordofobia. Vivia de dieta, passava duas horas na academia, e todo mundo achava maravilhoso, cansei disso. Engordei para caramba nesse tempo de pandemia”. Uma exaltação do corpo magro, a que boa parte das mulheres brasileiras não corresponde. Lélia relatou que nesse quesito era melhor viver em São Paulo, não era tão notada. Audre diz que já teve problemas de emprego por ser gorda, “a gente sempre sofre esse tipo de diferenciação, né? Uma pessoa gorda é vista como preguiçosa, ociosa, como pouco ativa, né? (...) Aí, é muito deprimente, associados a essa condição, né, da qual eu faço parte e muitas vezes sei que estou sendo julgada por isso”.

Esses marcadores relacionados à estética são importantes na educação, ainda que sutis, visto que é uma área de maior contato com os públicos, espera-se um código de postura muito específico. A educadora Catherine entende que tem conseguido avançar na carreira por ter aprendido a lidar com esses códigos. Já bell ressaltou isso em sua resposta sobre marcadores que excluem: “Eu sou mulher preta. Agora estou um pouco acima do peso por conta da pandemia, então, sim são marcadores que me excluem”. “Um pouco acima do peso” já determina uma exclusão para mulher que não é igual para o homem, em termos de trabalho, relacionamento, pressão familiar e outras experiências. Todas são mulheres negras, com exceção de Audre, e essas “por não serem nem *brancas* nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia *branca*”.¹⁶ A questão de gênero se intersecciona diretamente com a raça, onde, para nós mulheres não brancas, “parece que estamos presas em um dilema teórico: é racismo ou sexismo?”¹⁷ Para a autora Grada Kilomba, a “raça” altera mais as relações de poder do que o gênero. E podemos confirmar essa visão, em nosso país machista, mas ainda infinitamente mais racista, que exclui da sociedade, de forma sistêmica, pessoas não brancas, sobretudo indígenas.

Grande parte das educadoras entrevistadas não tem filho/a. A entrevistada Grada, que tem duas crianças, deu uma resposta interessante à pergunta sobre a relação da maternidade com a prática, “Alterou minha prática no sentido de eu entender melhor como a criança pensa, como eu posso conversar com a criança”. Já Ailton disse isso sobre ter filhos/as: “tenho mais paciência fora do que em casa. Já atendi muito aluno, mais da metade das escolas da cidade e algumas do interior, mas com meus filhos não é muita paciência, apesar de estar na área de pedagogia”. Diz que tenta passar as informações da maneira correta, inclusive tem algumas peças históricas, como mesmo nomeou, em casa e isso contribui. Já Aníbal disse:

No começo era mais ansioso para levar ele [o filho] no MASP, em outras exposições, né? Mas é o que tem acontecido. Ido em exposições pequenas, mas que estão dentro do universo dele, né? Desse universo infantil, então a Mônica Toy, que teve uma megaexposição do Maurício de Sousa. Aqui a gente tem os grandes espaços. Em São Paulo, a gente tem esse *privilégio*, então normalmente o Sesi faz muitas exposições assim, né? [grifo meu]

Essa compreensão dos educadores na relação com os filhos e na atuação profissional demonstra um dos caminhos para entender o machismo; será que são menos cobrados? Além disso, Grada demonstrou uma dificuldade com a maternidade durante a pandemia, que não foi relatado pelos educadores com filhos. Grada por vezes

expôs que no isolamento social precisou revezar com o marido para dar conta das demandas de trabalho, casa e crianças.

Outro ponto que chama atenção nessa reflexão sobre machismo, sexismo e suas consequências é que muitas de nós temos poucas informações sobre o feminismo e pensamentos que podem ajudar as mulheres a se empoderar. Um exemplo disso, “Na verdade, eu nem sei o que seria o feminismo com marcadores interseccionais decoloniais. Eu não sei se eu estou apta a falar. Eu acho que eu não estou aqui para falar porque eu não sei nem o que é”. Esse foi o relato da educadora bell, que se mostrou bem distante dessas teorias para si, com isso não consegue falar com os públicos sobre o assunto. Já Catherine, em uma posição de gestão diz:

(...) preocupação minha nas instituições, que não seja só falar disso, mas eu me sinto apta para implementar políticas nesse sentido, de equidade de gênero nas equipes e programação. De que isso não seja só assunto, mas que seja um reflexo de como as instituições atuam.

São alguns graus que observamos, entender esses temas para si, para o público e depois implementar como política na instituição que atua.

Os homens também demonstram dificuldade e confusão sobre a questão dos feminismos: “Precisava ter mais educadoras aqui, com exceção dessa moça trans. Aí tive só a coordenadora que atua menos. Então é uma visão que fica bem afetada, justamente por causa do lugar de fala, como diria Djamila Ribeiro”. Evidente que carecemos de mais mulheres onde ainda somos poucas. Mas lugar de fala não se trata de as mulheres falarem mais de feminismo do que os homens. Como o antirracismo e outras causas, pertencem a todos, todas e todes.

O educador Stuart fez um relato sobre a importância da religião no entendimento de sua sexualidade,

(...) processo de formação humana. A minha orientação sexual foi um conflito muito grande para mim e no candomblé encontrei acolhimento, o abraço mesmo das pessoas; não tem problema nenhum, você é o que é; em canto nenhum eu encontrava isso, nem mesmo na escola com uma psicóloga. Por isso que, apesar de não ser uma pessoa praticante, eu sou muito grato. Se não fosse isso, teria cometido uma besteira pelo sofrimento que eu vivia naquele momento da minha adolescência; então me atravessa positivamente a minha crença.

O patriarcado e a colonialidade, com suas classificações, não permitem que sejamos livres para sermos quem somos em nossa naturalidade. Os abrigos encontrados em momentos de conflitos internos tão sérios devem sempre ser exaltados. O mesmo

educador falou mais especificamente sobre o marcador da sexualidade e um trauma que marcou sua vida

Aquilo que te falei do contexto familiar foi muito forte, na escola muito forte, homofobia, uma marca muito forte na minha vida e que foi um trauma muito forte na minha adolescência, porque vivi um assassinato de um amigo e isso me marcou radicalmente. Me fechou bastante. Todos os crimes motivados por ódio têm uma marca de violência extrema. (...) trauma absurdo para mim, para minha experiência de vida. Na hora de um adolescente que está descobrindo a própria sexualidade.

Embora as falas do Stuart não terem se dado no contexto museal, o que ele já vivenciou por ser um homem gay impacta, diretamente, em sua vivência profissional, um trauma, como nomeou. O profissional é museólogo e está coordenando um educativo de museu, em que pode trazer determinados debates que venham a contribuir para a diminuição e, futuramente, completa exclusão desse tipo de comportamento machista, sexista, permeado de preconceitos relacionados a sexualidade alheia, fruto do patriarcado e da colonialidade.

A educadora Jota também conta que mesmo a equipe do museu em que trabalha tendo sido preparada para recebê-la, “(...) existem episódios de transfobia sutis. Muitas vezes, as pessoas nem se tocam. Não deixo passar, aponto todos, faço meu processo de pedagogia travesti”. E o público também comete coisas como erro de pronome, forma de transfobia clássica, que foi evidenciada na edição de 2022 do Big Brother Brasil,¹⁸ com a segunda participante trans em 22 edições do programa. O educador Aníbal também falou da experiência de ter colegas trans, o que aumentou o diálogo e a necessidade de compreensão da equipe, principalmente por estarem em uma secretaria de cultura. Mas as duas pediram exoneração e ele diz não saber se foi por causa de preconceito:

Pode ser que tenha ocorrido, o que a gente consegue observar, piadas sexistas, brincadeiras que não são brincadeira, sempre piada de mau gosto. Inclusive com pessoas que têm cargos importantes na Secretaria de Cultura, né? Que deveriam, se pensam de determinada maneira, não verbalizar porque, de repente, você pode estar incorrendo [em] um crime.

Como ele é homem cisgênero, pode ter dificuldade para perceber as violências desse tipo em seu redor; então, isso ainda deixa uma incerteza para ele no que parece óbvio – as colegas trans não tiveram boa receptividade. É fundamental a gente pontuar como ainda é quase inexistente a presença de corpos trans como educadoras/es museais. Jota, por exemplo, foi uma das únicas duas educadoras/es trans que responderam ao

questionário. Raewyn Connell disse em seu livro, *Gênero em termos reais*,¹⁹ que mulheres trans sofrem mais do que homens trans, pois passam a carregar a exclusão por causa do gênero.

Conceição contou de algumas dificuldades que vem passando por ter chegado aos 50 anos, tentou um processo seletivo fora da cidade em que mora e sentiu isso.

Tinha uns trezentos candidatos, era uma vaga na área de museologia, consegui passar e ficar entre as 25 primeiras pessoas, não tinha ninguém da minha idade entre esses. Percebi nas recrutadoras que teve aquela visão diferente em relação a mim. Quero ser avaliada pelo meu currículo e não pela minha idade, isso me preocupa. A gente sabe que tem muito preconceito com idade.

A mesma entrevistada segue dizendo que as pessoas pensam que é “como se você não pudesse mais ser ativa e dinâmica com essa idade, o que é um preconceito”. Então, eu perguntei se ela considerava que a questão geracional é pior com ela pelo fato de ser mulher. Ela afirmou que não, pois o nosso meio é formado por uma maioria de mulheres. Ela percebe um preconceito maior quando tem mulheres na gestão. O marcador da idade também opera de forma mais excludente nas mulheres. Silvia Federici fala em seu livro *Mulheres e caça às bruxas*²⁰ a respeito de como as mulheres mais velhas são desconsideradas pela sociedade, já que não estão mais no período de reprodução.

Sobre os públicos, Grada acredita que as visitantes do museu em que trabalha é majoritariamente feminino; nas redes sociais comprovadamente é. E que recebe famílias heterossexuais, mas que na maioria das vezes é mãe, avó, tia, madrinha. Também conseguiu ver pelo livro de visitantes que, no período que ela analisou, a maioria é de mulheres. Jota também nos contou que entre os grupos aos quais o setor educativo mais se dedica são aqueles formados por professoras para formação e que são em sua maioria compostos por mulheres. Como bell trabalha em um museu universitário, a instituição trata muito as questões de cor e gênero; de acordo com ela, existem informações de como lidar com pessoas trans e LGBTQ+ em geral.

Considerações finais

Os relatos trazidos no presente texto evidenciam preconceitos de cada dia atrelados à questão de gênero e sexualidade. É fato que somos maioria no cenário museal, sobretudo na educação museal, mas não somos protagonistas. Infelizmente esse lugar ainda é ocupado por homens, muitas vezes acompanhados de seus machismos

diários, como os demonstrados aqui. É importante discutirmos, questionarmos e buscarmos sanar essa problemática de gênero nos museus e na sociedade. Enquanto não tivermos equidade não teremos democracia de fato.

A pesquisa abre discussões e mostra a necessidade de mais estudos que envolvam a educação museal e os feminismos, pois várias são as pontas que ainda precisamos investigar. O presente texto tem o recorte específico do gênero e sexualidade, não ignorando outros marcadores sociais da diferença que foram amplamente trabalhados na tese já mencionada.

Espero que esse texto seja um convite para a prática mais engajada em processos mais igualitários para com as mulheres e outros grupos minorizados nos museus. Muitas de nós temos poucas informações sobre os feminismos e reflexões aliadas que podem nos ajudar no empoderamento, e foi por isso que escrevi esse artigo. Quanto mais falarmos sobre esses episódios, mais podemos nos unir e todas as pessoas se conscientizarem. Por fim, todos os relatos me lembram o trecho abaixo do romance *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector:²¹

- Ela é tão livre que um dia será presa.
- Presa por quê?
- Por excesso de liberdade.
- Mas essa liberdade é inocente?
- É. Até mesmo ingênuo.
- Então por que a prisão?
- Porque a liberdade ofende.

Que nós educadoras, todas as mulheres e corpos dissidentes, não deixemos de buscar nossa liberdade!

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todas as pessoas entrevistadas na pesquisa, que abriram situações muito íntimas que contribuíram diretamente para o estudo, especialmente para o campo da Educação Museal, Museus e Museologia, no Brasil. Também agradeço à minha orientadora Camila Moraes Wichers, que sempre esteve ao meu lado, desde a graduação, comprometida com uma área mais justa, ainda que utópica (trazendo Waldisa Rússio). E agradeço a Daiane Rossi, pela revisão do texto e por tudo! Além de ser muito grata a todas as pessoas que apoiaram a construção da tese, da qual esse artigo é fruto.

Notas

¹ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (Trad. Jess Oliveira). Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

² HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu* (5), 1995, p. 07-41.

³ CESARINO, Letícia. “Colonialidade interna, cultura e mestiçagem: repensando o conceito de colonialismo interno na antropologia contemporânea”. *Ilha*, vol. 19, nº 2, 2017, p. 73-105.

⁴ Texto do e-mail enviado, na íntegra: “Prezado/a, [nome da/o educador/a]. Como vai? Meu nome é Kamylla Passos, sou doutoranda em Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Portugal. Estou desenvolvendo a pesquisa intitulada 'Educação Museal e Feminismos no Brasil: silenciamentos, estranhamentos e diálogos a partir de um olhar interseccional e decolonial', com orientação da professora doutora Camila Moraes Wichers (UFG). Atualmente estou na fase das entrevistas semiestruturadas. Espero que os dados gerados nesse momento de aprofundamento possam contribuir com a nossa prática da educação museal / não-formal e suas vertentes. Você sinalizou, no questionário, que poderia participar dessa fase, então gostaria de convidá-la/lo/le para contribuir com a pesquisa, a partir do seu olhar. Suas respostas serão analisadas em conjunto, ou seja, seus dados pessoais são confidenciais e não haverá identificação das/dos/des respondentes, a não ser que queira. A entrevista terá entre 1h30min e 2hs de duração (a depender da conversa), e, a princípio, será realizada de forma online. As entrevistas acontecerão entre 18 de abril e 20 de maio, nos períodos matutino, vespertino e noturno, conforme sua disponibilidade. Caso concorde em participar, pedimos que responda a essa mensagem indicando pelo menos dois horários nos quais você teria disponibilidade de conversar entre os dias indicados acima. A sua colaboração será de grande importância”.

⁵ No e-mail convite tinha o tempo da entrevista, mas algumas educadoras tinham uma disponibilidade mais limitada. Uma parou a entrevista antes do fim por ter uma aula naquele horário, por isso ficou incompleta. Outra já avisou com antecedência que só tinha uma hora e ainda se atrasou, mas a entrevista fluiu no tempo. Duas pessoas marcaram no sábado; uma não compareceu por ter passado mal, depois reagendamos mais duas vezes para conseguir concluir a entrevista entre o fuso horário de Brasília e do Acre. Outro educador deu certo e foi uma das entrevistas mais longas com cerca de duas horas e meia; ele disse que durante a semana o tempo é muito curto por causa do trabalho de coordenação do setor educativo. As educadoras tiveram muita liberdade de escolher o melhor horário e dia, dentro do período sugerido; a primeira entrevista foi à noite, por exemplo.

⁶ KILOMBA, Op. cit., p. 52.

⁷ HARAWAY, Op. cit.

⁸ RECHENA, Aida. “Consequências para a Sociomuseologia da integração da perspectiva de gênero”. In: *Introdução à Sociomuseologia*. Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), Departamento de Museologia-Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Cátedra UNESCO “Educação Cidadania e Diversidade Cultural”. Editores: Judite Primo & Mário Moutinho. Lisboa: 2020, p. 282.

⁹ Idem, p. 278

¹⁰ A plataforma Microsoft Teams faz a transcrição das conversas nas contas institucionais. A partir da quarta entrevista, todas foram realizadas, gravadas e transcritas na plataforma. Antes

tinham sido feitas no Google Meet e gravadas por uma extensão do Google, e as transcrições foram realizadas de forma manual pela pesquisadora. Nas transcrições automáticas do Teams fizemos apenas a organização das transcrições que saíam muito detalhadas, com tempo de fala e nome das pessoas. Além de erros da transcrição automática e que foram corrigidos pelo contexto e pelo que era lembrado das conversas.

¹¹ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 1977

¹² KILOMBA, Op. cit.

¹³ BARDIN, Op. cit.

¹⁴ KILOMBA, Op. cit.

¹⁵ No período de escrita deste texto, aconteceram dois casos de múltipla violência: uma menina de 11 anos foi coagida por uma juíza a seguir com uma gravidez fruto de um estupro, pois assim um casal poderia adotar; e uma atriz que doou uma criança, fruto também de estupro, mas que jornalistas descobriram e divulgaram as informações e, posteriormente, a mulher acabou sendo julgada. Veja mais informações na reportagem “O que Klara Castanho e a menina de 11 anos de SC têm a ver com a caça às bruxas do século XVI?” Leia em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/o-que-klara-castanho-e-a-menina-de-11-anos-de-sc-tem-a-ver-com-a-caca-as-bruxas-do-seculo-xvi/>. Acesso em: 10 Jul. 2022.

¹⁶ KILOMBA, Op. cit., p. 190.

¹⁷ Idem, p. 94.

¹⁸ “Transfobia no BBB 22 acende alerta para discussão sobre o tema na TV. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-01-22/bbb-22-rodigo-e-eslovenia-casos-de-transfobia-com-linda-quebrada.html>. Acesso em: 10 Jul. 2022.

¹⁹ CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais* (Trad. Marília Moschkovich). São Paulo: nVersus, 2016.

²⁰ FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais* (Trad. Heci Regina Candiani). São Paulo: Boitempo, 2019.

²¹ LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.